

Leia o seguinte texto:

Verão excessivo

Eu sei que uma andorinha não faz verão, filosofou a andorinha-de-barriga-branca.

Está certo, mas agora nós somos tantas, no beiral, que faz um calor terrível, e eu não agüento mais!

(Carlos Drummond de Andrade – **Contos plausíveis**)

- a) Com base na queixa da andorinha-de-barriga-branca, reformule o provérbio “Uma andorinha não faz verão”.
- b) Está adequado o emprego do verbo “filosofou”, tendo em vista que ele se refere ao provérbio citado no texto? Justifique sucintamente sua resposta.

Resolução

- a) *Uma andorinha não faz verão; muitas, porém, produzem juntas um calor terrível.*
- b) *O emprego do verbo filosofar se justifica por ter ele, no texto, o sentido coloquial de “meditar, raciocinar, formular uma reflexão de sentido geral” ou, para usar um brasileiro, “matutar”. O provérbio citado exprime o conteúdo da reflexão da andorinha.*

Leia o seguinte texto:

Os irmãos Villas Bôas não conseguiram criar, como queriam, outros parques indígenas em outras áreas. Mas o que criaram dura até hoje, neste país juncado de ruínas novas.

- a) Identifique o recurso expressivo de natureza semântica presente na expressão "ruínas novas".
- b) Que prática brasileira é criticada no trecho "país juncado (=coberto) de ruínas novas"?

Resolução

- a) A expressão "ruínas novas" parece conter um paradoxo – ou, em outros termos, parece confirmar um oxímoro. Com efeito, ruínas é palavra que conota "antiguidade" ou, em outro registro, "velharia", o oposto do adjetivo nova. O oxímoro consiste, justamente, na relação contraditória entre palavras de sentido antitético ou conflitivo. Ocorre, porém, que a expressão pode ser entendida de outra forma, literal, pois uma ruína pode ser recente, nova, como foram as ruínas de Tróia logo após a destruição da cidade pelos gregos e como são tantos prédios que embrutecem uma cidade como São Paulo.
- b) Critica-se, no texto, a incúria brasileira que leva à falta de conservação tanto do patrimônio material do país (edificações, monumentos, cidades inteiras) quanto de suas instituições.

Costuma-se exaltar a cabeça como fonte da razão e denunciar o coração como sede da insensatez, como músculo incapaz de ter autocrítica e de ser original. Que seja assim. E daí? Nada pior do que uma idéia feita, mas nada melhor do que um sentimento usado. A cabeça pode gostar de novidade, mas o coração adora repetir o já provado. Se as idéias vivem da originalidade, os sentimentos gostam da redundância. Não é por acaso que o prazer procura repetição.

(Zuenir Ventura. **Crônicas de fim de século**)

- a) Substitua a expressão "Que seja assim" por outra de sentido equivalente, tendo em vista o contexto.
- b) Explique por que o autor considera que tanto a **novidade** quanto a **redundância** podem ser desejáveis.

Resolução

- a) O sentido da frase "Que seja assim", no texto, é concessivo, equivalente a "Admita-se que seja assim".
- b) A novidade é desejável no que se refere às idéias, pois lhes confere originalidade; a redundância, por sua vez, é desejável no âmbito dos sentimentos, pois estes tenderiam a reforçar-se ou a comprazer-se com a repetição. Nos termos do texto, "o coração adora repetir o já provado" e "o prazer procura repetição".

Sobre o emprego do gerúndio em frases como “Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível”, um jornalista escreveu uma crônica intitulada “Em 2004, gerundismo zero!”, da qual extraímos o seguinte trecho:

Quando a teleatendente diz: “O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação”, ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que “eu vou estar transferindo” é errado e “ela está falando bonito” é certo.

- a) Você concorda com a afirmação do jornalista sobre o que é certo e o que é errado no emprego do gerúndio? Justifique sucintamente sua resposta.
- b) Identifique qual de seus vários sentidos assume o sufixo empregado na formação da palavra “gerundismo”. Cite outra palavra em que se utiliza o mesmo sufixo com esse mesmo sentido.

Resolução

- a) *Melhor do que “errado”, o emprego do gerúndio exemplificado na fala da moça – e hoje lamentavelmente freqüente em pessoas de escolaridade deficiente que tentam “falar bem” – poderia ser apodado de “inadequado” ou “impreciso”. A construção do auxiliar estar seguido do gerúndio do verbo principal justifica-se quando se trata de enfatizar o aspecto contínuo da ação, como em “ela está falando bonito”. Já em “vou estar transferindo” o emprego da perífrase verbal, em lugar do infinitivo simples (vou transferir), é inepto, pois o que vem ao caso é o caráter futuro da ação (vou transferir = transferirei), e não seu aspecto contínuo.*
- b) *O sufixo -ismo, em gerundismo, tem o sentido de “prática, hábito”, no caso, prática ou hábito de uso abusivo do gerúndio, pois, no contexto, pode haver também uma nuance pejorativa neste sufixo. O mesmo sentido do sufixo se encontra em modismo, alcoolismo, clientelismo.*

Graciliano Ramos, em seu livro **INFÂNCIA**, reflete sobre uma de suas marcantes impressões de menino.

Bem e mal ainda não existiam, faltava razão para que nos afligissem com pancadas e gritos. Contudo as pancadas e os gritos figuravam na ordem dos acontecimentos, partiam sempre de seres determinados, como a chuva e o sol vinham do céu. E o céu era terrível, e os donos da casa eram fortes. Ora, sucedia que a minha mãe abrandava de repente e meu pai, silencioso, explosivo, resolvia contar-me histórias. Admirava-me, aceitava a lei nova, ingênuo, admitia que a natureza se houvesse modificado. Fechava-se o doce parêntese – e isso me desorientava.

- a) Ao se referir às violências sofridas quando menino, o autor compara-as a elementos da natureza (*chuva, sol, céu*). O que mostra ele, ao estabelecer tal comparação?
- b) Esclareça o preciso significado, no contexto, da expressão “fechava-se o doce parêntese”.

Resolução

- a) A comparação exprime a concepção infantil para a qual “bem e mal ainda não existiam” e, portanto, “as pancadas e os gritos” pareciam tão imotivados e incompreensíveis quanto fenômenos naturais como a chuva.
- b) A expressão refere-se a alterações na atitude dos pais, que se tornavam subitamente brandos e afáveis. O “doce parêntese”, portanto, era o momento de afabilidade que funcionava como interrupção incompreensível da também incompreensível seqüência de punições (“pancadas e gritos”) infligida às crianças.

Às seis da tarde

*Às seis da tarde
as mulheres choravam
no banheiro.
Não choravam por isso
ou por aquilo
choravam porque o pranto subia
garganta acima
mesmo se os filhos cresciam
com boa saúde
se havia comida no fogo
e se o marido lhes dava
do bom e do melhor
choravam porque no céu
além do basculante
o dia se punha
porque uma ânsia
uma dor
uma gastura
era só o que sobrava
dos seus sonhos.
Agora
às seis da tarde
as mulheres regressam do trabalho
o dia se põe
os filhos crescem
o fogo espera
e elas não podem
não querem
chorar na condução.*

(Marina Colasanti – **Gargantas abertas**)

Basculante = um tipo de janela.

Gastura = inquietação nervosa, aflição, mal-estar.

- a) O texto faz ver que mudanças históricas ocorridas na situação de vida das mulheres não alteraram substancialmente sua condição subjetiva. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.
- b) No poema, o emprego dos tempos do imperfeito e do presente do indicativo deixa claro que apenas um deles é capaz de indicar ações repetidas, durativas ou habituais. Concorda com essa afirmação? Justifique sucintamente.

Resolução

- a) *Sim. Em que pesem mudanças históricas importantes, as mulheres de "antes" e de "agora" mantêm a mesma condição subjetiva. Apesar de condições objetivas opostas – antes, eram submetidas a uma vida fami-*

liar castradora; agora, são figuras ativas em âmbito social mais amplo (trabalham "fora") – as mulheres cumprem um cotidiano que não satisfaz suas expectativas essenciais, suas necessidades subjetivas.

b) Não, a afirmação não se justifica porque os verbos no presente, no texto, também são indicativos de ações repetidas e habituais, sugerindo que a condição feminina, no que diz respeito ao aspecto tratado, não sofreu nenhuma alteração significativa do passado ao presente.

Leia o seguinte poema de Manuel Bandeira:

PORQUINHO-DA-ÍNDIA

*Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do
[fogão!*

*Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos mais limpinhos
Ele não gostava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas
[ternurinhas ...*

*— O meu porquinho-da-índia foi a minha
[primeira namorada.*

- Aponte, no poema, dois aspectos de estilo que estejam relacionados ao tema da infância. Explique sucintamente.
- Qual é o elemento comum entre a experiência infantil e a experiência mais adulta presentes no poema? Explique sucintamente.

Resolução

- Entre os aspectos de estilo relacionados ao tema da infância, podem ser apontados a utilização do diminutivo (“bichinho”, “limpinhos”, “ternurinhas”), a repetição de termos que simula uma redação primária e certos desvios da norma culta, como “Levava ele pra sala”.*
- O elemento comum entre a experiência infantil e a adulta é a frustração afetiva. O eu-lírico realiza um amplo exercício de “ternurinhas”, de demonstrações afetivas que não foram valorizadas pelo porquinho-da-índia quando criança e assim como não o seriam, depois, por suas namoradas.*

Considere os seguintes versos, que fazem parte de um poema em que Carlos Drummond de Andrade fala de Guimarães Rosa e de sua obra:

*(...) ou ele mesmo [Guimarães Rosa] era
a parte de gente
servindo de ponte
entre o sub e o sobre'
que se arcabuzeiam
de antes do princípio,
que se entrelaçam
para melhor guerra,
para maior festa?*

(arcabuzeiam = lutam com arcabuzes, espingardas)

- a) A luta entre Augusto Matraga e Joãozinho Bem-Bem (do conto "A hora e vez de Augusto Matraga") apresenta, conjugados, os aspectos de guerra e de festa referidos nos versos de Drummond. Você concorda com esta afirmação? Justifique sucintamente.
- b) O conflito entre Turíbio Todo e Cassiano Gomes (do conto "Duelo") apresenta essa mesma junção de aspectos de guerra e de festa? Justifique sucintamente.

Resolução

- a) *Esta afirmação se justifica ao considerarmos a passagem em que Augusto Matraga, não conseguindo deter a ação violenta de Joãozinho Bem-Bem contra uma família inocente, começa a enfrentar o bando de Joãozinho com o grito festivo e entusiástico: "— Ô gostosura de fim-de-mundo!..."*
- b) *Sim, pois, no conflito entre o marido traído, Turíbio Todo, e o amante de Silivana, Cassiano Gomes, estão conjugados aspectos de guerra e de festa. Os aspectos de guerra estão no próprio jogo que envolve o perseguidor (Turíbio) e o perseguido (Cassiano). Os aspectos de festa estão na relação amorosa com Silivana e na aparente vitória de Turíbio.*

Leia este trecho de **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, no qual Macabéa, depois de receber o aviso de que seria despedida do emprego, olha-se ao espelho:

Depois de receber o aviso foi ao banheiro para ficar sozinha porque estava toda atordoada. Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, o que tanto combinava com sua vida. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem alguma. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara toda deformada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem.

- a) Neste trecho, o fato de parecer, a Macabéa, não se ver refletida no espelho liga-se imediatamente ao aviso de que seria despedida. Projetando essa ausência de reflexo no contexto mais geral da obra, como você a interpreta?
- b) Também no contexto da obra, explique por que o narrador diz que Macabéa pensou “**levemente**”.

Resolução

- a) A ausência da reflexão de Macabéa no espelho simboliza a insignificância existencial e social dessa personagem alheia a tudo e a si mesma. É um ser de “existência rala”, metaforizada nas expressões: “capim”, “feto jogado no lixo”, “café frio”.
- b) Macabéa, moça que representa a “inocência pisada” e a “miséria anônima”, não tem consciência da sua condição. Ela não reflete sobre a precariedade da sua vida, relacionada, no fragmento, à “pia imunda e rachada”. Daí a expressão “levemente pensou”, indicando a fragilidade da sua constatação.

Leia o seguinte poema de Alberto Caeiro:

Ponham na minha sepultura

Aqui jaz, sem cruz,

Alberto Caeiro

Que foi buscar os deuses...

Se os deuses vivem ou não isso é convosco.

A mim deixei que me recebessem.

- a) Identifique, no poema, a modalidade religiosa que o poeta rejeita e aquela com que tem maior afinidade. Explique sucintamente.
- b) Relacione a referência a "deuses" (plural), no poema, com o seguinte verso, extraído de outro poema de Alberto Caeiro:
"A natureza é partes sem um todo".

Resolução

- a) Ao pedir que o sepultem "sem cruz", Alberto Caeiro explicita sua rejeição ao Cristianismo, do qual a cruz é símbolo e metonímia (o símbolo pela coisa simbolizada). Ao dizer, na seqüência, que "foi buscar os deuses", a pluralização da palavra deus implica uma recusa do monoteísmo e uma aceitação implícita do paganismo, mas de um paganismo atípico, relativizado pelo verso "Se os deuses vivem ou não isso é convosco", que transfere para o hipotético leitor a questão da existência ou inexistência dos deuses. Caeiro professa um paganismo essencial, anterior à cultura, ou à formulação das representações dos deuses pagãos da Antigüidade.
- b) A palavra "deuses", além da aproximação politeísta e pagã a que fizemos menção na resposta ao quesito anterior, envolve também a recusa de Caeiro à noção de um princípio unitário, abstrato, antecedente. Vai nessa mesma direção o sentido do verso "A natureza é partes sem um todo". Vale dizer, Caeiro recusa a própria idéia de natureza como formulação da mente humana, como abstração indicadora do conjunto das coisas naturais. O que interessa a Caeiro são as coisas em si, concretas e singulares, as flores, as árvores, os rios, e não o conceito generalizante que as engloba sob o nome de "natureza".

Redação

Considere a foto e os textos abaixo:



Crédito foto: Jefferson Coppola / Folha Imagem (03 set. 04)

“Catraca invisível” ocupa lugar de estátua

Sem que ninguém saiba como – e muito menos o por quê – uma catraca enferrujada foi colocada em cima de um pedestal no largo do Arouche (centro de São Paulo). É o “**monumento à catraca invisível**”, informa uma placa preta com moldura e letras douradas, colocada abaixo do objeto, onde ainda se lê: “**Programa para a descatracalização da vida, Julho de 2004**”. (Foto acima)

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 04 de setembro de 2004)

[**Catraca** = *borboleta*: dispositivo geralmente formado por três ou quatro barras ou alças giratórias, que impede a passagem de mais de uma pessoa de cada vez, instalado na entrada e/ou saída de ônibus, estações, estádios etc. para ordenar e controlar o movimento de pessoas, contá-las etc.]

Grupo assume autoria da “catraca invisível”

Um grupo artístico chamado “Contra Filé” assumiu a responsabilidade pela colocação de uma catraca enferrujada no largo do Arouche (região central).

A intervenção elevou a catraca ao status de

monumento “ à **descatracalização da vida**” e fez parte de um programa apresentado no Sesc da Avenida Paulista, paralelamente ao Fórum das Cidades.

No *site* do Sesc, o grupo afirma que a catraca representa um objeto de controle “biopolítico” do capital e do governo sobre os cidadãos.

(Adaptado de *Folha de S. Paulo*, 09 de setembro de 2004)

Em *site* sobre o assunto, assim foi explicado o projeto do grupo “Contra Filé”: “O ‘Contra Filé’ desenvolveu o PROGRAMA PARA A DESCATRALIZAÇÃO DA PRÓPRIA VIDA. A catraca representa um signo revelador do controle biopolítico, através de forças visíveis e/ou invisíveis. Por quantas catracas passamos diariamente? Por quantas não passamos, apesar de termos a sensação de passar?” (<http://lists.indymedia.org/pipemail/cmi-brasil-video/2004-july/0726-ct.html>)

INSTRUÇÃO. Como você pôde verificar, observando o noticiário da imprensa e o texto da Internet aqui reproduzidos, a catraca que “apareceu” em uma praça de São Paulo era, na verdade, um “**Monumento à catraca invisível**”, ali instalado pelo grupo artístico “Contra Filé”, como parte de seu “**Programa para a descatracalização da vida**”. Tudo indica, portanto, que o grupo responsável por este programa acredita que há um excesso de controles, dos mais variados tipos, que se exercem sobre os corpos e as mentes das pessoas, submetendo-as a constantes limitações e constrangimentos. Tendo em vista as motivações do grupo, você julga que o programa por ele desenvolvido se justifica? Considerando essa questão, além de outras que você ache pertinentes, redija uma **DISSERTAÇÃO EM PROSA**, argumentando de modo a apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

Comentário sobre a Redação

Oferecendo como ponto de partida uma foto, seguida de três textos, a Banca Examinadora solicitou ao candidato que se posicionasse em relação a um projeto denominado Programa para a descatracalização da vida, simbolizado por uma catraca enferrujada que foi colocada, em setembro do ano pas-

sado, em cima de um pedestal, na região central da capital paulista, em que se podia ler: "Monumento à catraca invisível".

O próprio enunciado da Banca induziu o candidato a refletir sobre a existência de vários tipos de catraca no espaço urbano contemporâneo, representando diversas formas de controle sobre "os corpos e as mentes das pessoas".

Para ilustrar suas considerações, o candidato poderia mencionar as restrições – econômicas, políticas ou sociais – a que os cidadãos vêm sendo submetidos, e que, em maior ou menor grau, cerceiam sua liberdade. Também os sistemas de vigilância – evidentes ou velados – instalados em espaços públicos e privados, constituiriam um exemplo de constrangimento cada vez mais freqüente no cotidiano.

Ontem, o totalitarismo, tão bem descrito em ficções como 1984, de George Orwell, e Admirável mundo novo, de Aldous Huxley; hoje, o controle exercido por um sistema globalizado e informatizado, no qual Governo e capital controlam os cidadãos, cerceando, muitas vezes de forma sutil, suas ações.

Comentário

A prova de Português da 2ª Fase é, em 2005, uma reafirmação do que a Fuvest tem adotado como norma e tradição nos últimos anos: exigir, sem exorbitar. É uma prova que não se pode rotular como fácil, pois exige a compreensão clara dos enunciados e dos textos envolvidos, a observação de alguns fatos lingüísticos essenciais e a capacidade de articular uma resposta pertinente – qualidades mínimas que se esperam de um aspirante ao grau universitário. As questões de teor lingüístico ou estilístico terão oferecido menor dificuldade ao candidato bem preparado. Já as questões de interpretação de texto e literatura requereram, além do conhecimento, alguma sensibilidade para a leitura do texto literário, o que premia os candidatos com melhor repertório de leitura e experiência literária.

